



ANNO XIII

N.º 363

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Director proprietario: Senna Cardoso — Secretario da redacção: Costa Ferreira

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
 Praça dos Restauradores, 27

30 de Setembro de 1907

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 Rua Nova do Almada, 80 — LISBOA — Telephone, 1231

Paço d'Arcos

Concurso de sports athleticos em 7 de setembro



Lueta de tracção — Chegada á meta do vencedor nas corridas pedestres
 O sr. Carlos Kessler que se distiguiu em quasi todas as provas — Corridas de tricycles
 Grupo vencedor na lueta de tracção

Clichés Tiro e Sport




Durante o anno, o dia que se tem mais empenho em ver despontar, não é, com certeza, o da Natividade, nem o da Paschoa sancta que commemora a consummação d'um mysterio doloroso e tetrico. Não é o do nascimento d'uma pessoa querida na familia, nem mesmo o da morte d'uma sogra rabujenta e importuna. E' o da abertura da caça.

Airoso e galhardete, alegre e folgazão, o bom devoto de Santo Humberto, armado em Nemrode das florestas virgens, ainda a estrella d'alva não tem perdido um centesimal do seu fulgurante brilho, já elle vae distante do seu agasalhado e confortavel *home*, dando inicio á sua via-sacra de ingremes subidas e de descidas abruptas e algo perigosas.

E para quê?

Em perseguição d'uma utopia, d'uma ficção a maior parte das vezes. N'esse doce engano d'alma ledo e cego que, no dizer do nosso glorioso poeta, a felicidade não deixa durar muito. Todos os annos enganado e sempre com a mesma coragem e a esperança mais verde que um pepino de Sacavem.

Temos um exemplo na... visinhança que nos serve de prova aos nossos commentarios.

Ainda este anno, o nosso aliás sympathico visinho Ambrosio, que todos vós conheceis e apreciaes pelas suas preciosas qualidades de *bon vivant* que sabe, durante o anno, empregar convenientemente a sua actividade, errou o seu fanatico intuito e teria regressado n'esse dia a penates todo *breduille* e penalizado (como sempre) se a Providencia dos endinheirados não viesse em seu soccorro.

Depois de ter percorrido, não Seca e Meca e os Olivares de Santarem, mas Carriche e Carnixe, Linda-a-Velha e Linda-a-Pastora, e os ferteis arredores da quinta da Formiga, foi dar fundo ao Dafundo sem ter podido empregar um mau tiro em caça viva. Eram cinco horas e meia da tarde.

Cogitando na triste figura que ia fazer regressando a casa, o nosso Ambrosio sentou-se em um dos degraus do sumptuoso e utilissimo edificio do Aquario.

Momentos depois passa um outro caçador, — commerciante de caça de conserva e que nós deviamos chamar-lhe, se quizessemos empregar o termo proprio — ostentando tres bellas perdizes, uma ainda viva, e um alambazado coelho que mais parecia uma lebre.

— Olá, camarada, interloca-o o nosso heroe; com que então nada menos de quatro preciosas peças!

— Resultado d'um pequeno passeio ás encostas ferteis e verdejantes de Caxias, retorquiui-lhe o outro.

— Pois eu por aqui fiquei a soffrer as impertinencias d'um pequeno entorse que apanhei ao atravessar a ponte d'Algés. E parece-me que por hoje será tudo o que apanharei, a não ser que você, por acaso, não queira desfazer-se d'essas

tres marrafas e do seu interessante companheiro *Jean Lapin*.

— Ora essa! Para mim é apenas questão d'ahi metter o preço; e vamos lá com Deus que ainda me hade atravessar o caminho com caça mais preciosa que esta. *Perdizes* não faltam por esse mundo de Christo.

— Então quanto é que isso vale, entre collegas?

— Uma *carinha* por peça. Acha muito?

Por unica resposta, o nosso visinho Ambrosio alongou-lhe immediatamente, com receio de que elle não voltasse com a palavra ao bucho, uma nota de vinte e cinco, ficando ainda muito contente do outro não ter moeda miuda no bolso para render a demasia.

Meia hora depois atravessava a nossa rua triumphante, airoso e galhardete, ostentando o producto da caçada... dos outros, o nosso bem conhecido Ambrosio, que a familia esperava ansiosa no limiar do seu patrio lar.

Quem, por certo, deve estar satisfeito das suas explorações cynegeticas é, sem duvida, o nosso incomparavel amigo e assiduo leitor, Plantier (Edgard), que nós vimos, ao cahir da tarde d'esse dia, boldrié bem fornecido, sacola prestes a rebeatar de inchada pelo recheio que continha, descendo uma encosta de Collares e dirigindo-se para Cintra.

Vamos enviar-lhe *un gentil poulet* pedindo-lhe que nos mimoseie com a continuação d'uma *parodia* que elle, n'essa occasião, vinha cantando com musica dos *Sinos de Corneville* e de que nós apenas podemos stenographar a copla, com que regalamos hoje os nossos curiosos leitores:

«N'estas caçadas
Saltando montes
Compridas pontes
Sei que passei,
Mas compensando-o
Que de perdizes
E codornizes
Matei, matei.

Minha espingarda
Deu tiros a esmo,
Mas assim mesmo
Destroço fez,
Sete perdizes,
Dez codornizes
E até um *cuco*
Matou d'esta vez!

Mas vou.....»

Como a voz se perdia ao longe e o muro caído d'uma quinta celebre na historia das revoluções nos interceptava já o som accentuadamente tenorizado e viril, não podemos aproveitar mais nada.

Porém, estamos certos que o leitor não vae impacientarse a esperar muito tempo a continuação — a não ser que se esqueça de comprar o numero immediato do *Tiro e Sport*, ou que esteja já enfadado com as *lerias* do seu respeitoso chronista.

FLAVIO.

Fabrica de Ceramica

GARCIA & LEITE

MOVIDA A ELECTRICIDADE

Malpique (Campo Grande)

LISBOA

Encarrega-se de projectos e construcções

A proposito da Taça Lisboa

Do *Boletim da Liga Naval* transcrevemos o sensato e brilhante artigo ácerca da regata da *Taça Lisboa*, o qual é devido á penna do Sr. R. Mayer:

«A nossa *season* de remo, que, n'um paiz marítimo como o nosso, devia ser um periodo de brilhantes regatas, disputadas com o vigor que provoca a nobre emulação sportiva, tem corrido segundo o invariavel costume, desanimadissima.

O unico acontecimento que desperta algum interesse e um pallido entusiasmo entre os nossos *rowingmen*, reduzidos a um pequeno e apathico grupo, é a regata da *Taça Lisboa*.

Prova interessante, que devia ter a presencal-a, não dizemos já o publico febril e numeroso das corridas de Henley, mas uma parte importante da população da capital, que teria occasião de vêr o aspecto, sempre emocionante, d'uma lucha energeticamente travada entre tripulações adestradas e fortes, animadas pelo desejo ardente de vencer, tem apenas umas dezenas de espectadores, e, a compensar os esforços dos remadores, uns fracos e indistinctos applausos.

Não ha contudo duvida alguma de que é d'uma importancia excepcional que o nosso publico se interesse pelo remo e veja n'elle, não uma simples exhibição de força e destreza, mas um verdadeiro *sport*, isto é, um factor precioso para o rejuvenescimento das raças; e, mais que a ninguém, aos clubs de *sport* náutico, compete a propaganda e a diffusão do gosto pelo *rowing*, entre todas as classes, organisando regatas internacionaes e animadas e atrahindo a ellas o publico.

Para satisfazer ao primeiro fim, cumpre saber: primeiramente, que genero de barcos se deve escolher; em segundo lugar, qual a melhor maneira de organisar as tripulações. Sobre estes dois pontos daremos a nossa modesta opinião. Quanto ao local da corrida, parece-nos desnecessario frisar a conveniencia de ser muito proximo de Lisboa.

Em 1904, 1905 e 1906, realisaram-se as corridas em guias de bancos fixos, e quatro remadores. Em 1907, porém, a Real Associação Naval participou aos outros clubs, concorrentes á *Taça*, a resolução que tomara de substituir os bancos fixos por *slides*, resolução a nosso vêr muito acertada, não só pelo augmento de velocidade resultante para os barcos, como pela superioridade que, como exercicio, tem o remador em banco movel, visto terem uma acção muito mais poderosa os musculos das pernas.

Como a *Idalia*, do Real Club Naval, se achasse em manifesta desigualdade para com as guias rivaes, resolveu o mesmo club mandar construir um novo *racer*, que veio a ser o *inrigger* de *slides* «*Celeste*», que representa o typo mais aperfeiçoado do genero que até hoje se tem visto no Tejo. Comprido (quasi o maximo que permite o estipulado na convenção estabelecida entre os quatro Clubs), de construção solida de fôrma a resistir ás *maretas*, por bastas vezes, violentas do nosso rio, coberta á pópa e á prôa, de linhas d'agua admiraveis, causou sensação a sua apparição no estuario do Tejo.

E' fóra de duvida que a tripulação que n'ella corria era forte homogenea, bem treinada, e sobretudo excellentemente *vogada*, mas não é menos verdade que a *D. Maria Pia*, da Real Associação Naval, e a propria *Insula*, do Club Naval Madeirense, que tantas valiosas victorias obteve, lhe são bastante inferiores.

Tal foi a evolução dos typos de embarcação de corrida, desde 1904 até 1907. Resta saber o que se resolverá para o proximo anno.

Falou-se na adopção de *outriggers*.

Isso seria soberbo, se *pudesse ser*; sobretudo os *outriggers* de oito remos seriam decerto bem acolhidos no nosso meio sportivo, pois representam o typo de suprema perfeição no que respeita a velocidade e elegancia, quando remados com *estylo* e correccção. Mas como correr n'elles n'um rio constan-

temente escrespado, de aguas revoltas e ameaçadoras, para tão frageis embarcações?

São estas reflexões que nos suggerem o alvitre que vamos expôr.

E' sabido que uma das causas de difficuldade de navegar em *outrigger*, e por ventura a maior d'ellas, é o embate das aguas contra as aranhas onde estão assentes as forquetas que faz com que o barco se *afogue* rapidamente. Por isso as forquetas teem necessariamente de existir na *falca*, ou estarem d'ella pouco afastadas. Além d'isso o barco destinado a correr no Tejo deve ser mais solidamente construido do que o que sulca as aguas mortas do Tamisa. Por outro lado, é da maxima conveniencia, sob o ponto de vista do valor sportivo das provas, que as embarcações sejam remadas por oito *rowers*. D'esta fôrma o typo que se nos apresenta naturalmente é o *inrigger*, genero *Celeste*, para oito remadores, fino e comprido, mas solido, leve mas resistente, com *slides* de curso extenso, mas sem *aranhas* de grandes dimensões.

Com barcos d'esta ordem, um pouco de espirito sportivo entre os nossos remadores e um pouco de união entre as nossas aggremações nauticas, não faltaria entusiasmo e teriamos, a nosso vêr, em vez de uma corrida quasi desconhecida do nosso publico, um verdadeiro campeonato, cheio de brilho e avidamente seguido por todos os que n'esta terra amam o mar e desejam a expansão marítima do nosso paiz.

Vejamos agora qual a maneira como deveriam ser constituidas e apuradas as tripulações. Não devemos perder de vista que o *rowing*, mais uma vez o dizemos, não é um simples divertimento, é um methodo admiravel de cultura physica, um dos mais completos e salutare exercicios, um dos mais capazes de dar á nossa raça o vigor muscular e a tonicidade de nervos que a vida moderna requer. Assim, nada nos convém mais que augmentar o numero de adeptos do remo, evitando que uma *equipe*, uma vez formada, fique sem alternar annos seguidos, fechando sem piedade o caminho a todos os *novos*. Nada pois está mais indicado do que a constituição das tripulações ao exemplo do que fazem o *Rowing Club de Paris* e a *Société Nautique de La Marne* que estipulam que no seu celebre *match* annual figurem pelo menos quatro *juniors* em cada *equipe* de oito.

D'esta fôrma, os *coachmen* dos dois clubs, forcejam cada anno por descobrir esses quatro moços remadores, que entre quatro experimentados atletas, defenderão a bandeira da sua associação. Não se julgue que é muito difficil encontrar esses *juniors* pois muitas vezes não são quatro mas cinco ou seis que correm no famoso *match* «*Rowing-Marne*».

Dir-se-ha que a regata, ganhando debaixo do ponto de vista da educação physica, perde sob o aspecto puramente sportivo. Embora. Promova-se um grande *Campeonato de Portugal* a que possam concorrer todos os clubs, desde o Porto, centro onde se encontram tão bellos atletas, especialmente entre a colonia ingleza, até ao Algarve, meio essencialmente marítimo onde tantos se poderiam formar.

Claro está que n'um concurso d'esta natureza deixar-se-hia inteiramente livre a escolha dos remadores a cada club.

Eis pois as nossas idéas expostas.

Se ellas são boas ou más, cumpre aos entendidos, que os ha e de grande valor, o apreciar-o. O que sem duvida alguma é dever de todos os que veneram a sua patria, é trabalhar com actividade, com ardor, pelo resurgimento physico do nosso povo, tão degenerado, é certo, mas tão cheio de preciosos elementos de vitalidade, que urge sejam aproveitados e estimulados.

R. MAYER. »

CASA DOS ESPARTILHOS



SANTOS MATTOS & C.^ª

Lisboa

Rua Aurea, 125



Os sports no Brazil

Pará — Agosto.

Escrevo ainda dominado pela agradável impressão que nos deixou o torneio de tiro ao alvo, levado a effeito pela *Real Tuna Luzo-Caixaíral* em a noite de 24 do corrente.

E' o segundo que esta sociedade recreativa leva a effeito,



LUCIANO PINTO — Corredor portuguez actualmente no Pará
Cliché Cardoso & Correia

sendo disputada apenas por *signorinas* frequentadoras d'aquella associação.

Após um providencial torrido de chuva que acalmou a poeira, familias começaram a chegar á séde social da *Real Tuna*, onde eram recebidas afavelmente por uma commissão composta de associados.

A's 9 horas os vastos salões regorgitavam de senhoras e cavalheiros.

Meia hora depois o grupo executante, sob a direcção do seu professor, sr. Antonio Mouta deu começo ao festival executando o formoso — *Hymno da Tuna*, que foi ouvido de pé e em religioso silencio.

Em seguida, o jury do torneio, composto de representantes da imprensa diaria procedeu ao sorteio das *tiruses* que se achavam inscriptas, disputando-o na ordem em que eram sorteadas.

O primeiro premio coube á *signorina* Adelia Carepa, que nos dez tiros teve apenas trez desclassificados, fazendo 178 pontos, e o segundo á *signorina* Didica Rocha, que fez 110.

Dois membros da directoria fizeram então a entrega dos premios que constavam de um objecto de prata electrica para *toilette* e um porta-cartões do mesmo metal.

De novo o grupo executou o *Hymno da Tuna* que, como da primeira vez, foi ouvido de pé.

Terminou a prova sportiva ás 11 horas pouco mais ou menos, seguindo-se animado baile que finalisou ás 4 horas da madrugada.

Este torneio foi organizado por uma commissão de trez membros da directoria da *Real Tuna Luzo-Caixaíral*, tendo como presidente o correspondente do *Tiro e Sport*.

*

Após terem sido removidos os primeiros obstaculos que sempre surgem em empezas por mais insignificantes que ellas sejam, um grupo de moços fundou n'esta capital uma sociedade de tiro a que deram o nome de *Grupo de Atiradores Civis do Pará*.

A novel associação tem tido, por parte de todos, o mais franco acolhimento, contando já com um numero de associados nunca inferior a oitenta.

No dia 27 do corrente procedeu-se á eleição dos corpos dirigentes, sendo este o resultado:

Directoria — Presidente, João Marques da Cunha; *vice-presidente*, Armindo Gomes; *1.º secretario*, A. Mendes; *2.º*, Humberto Soeiro; *thesoureiro*, Miguel Scabra Martins; *directores*, Joaquim C. Ferrão e Alberto Cardoso; *Assembléa geral* — Presidente, Dr. Euclides Dias; *1.º secretario*, Abel Lucena Barros; *2.º*, Benjamim Alves; *Conselho fiscal*, Manoel Ferreira Coutinho, Alberto Taveira e Raul Pinto Gomes; *carreira de tiro: juizes*, João Augusto Pato Junior; e Luiz de Queiroz; *architecto*, Antonio Ramos; *monitor*, F. Paz Silva.

A carreira de tiro deverá ser inaugurada no dia 15 do proximo mez, estando os trabalhos quasi concluidos.

*

Para tomar parte na temporada cyclica, a inaugurar-se no dia 1.º do mez de setembro proximo, acha-se entre nós o nosso destemido corredor Luciano Pinto.

A imprensa aqui fez-lhe carinhoso acolhimento, e a *Folha do Norte* dedicou-lhe o seguinte artigo que gososamente transcrevemos:

« Afim de tomar parte nas corridas cyclicas a se iniciarem domingo, acha-se entre nós, como já noticiamos, o valente *sportsman* lusitano Luciano Pinto, um



RAUL BOISSON
Actual empzeario do Velodromo Paraense

dos mais valorosos cyclistas da geração actual de Portugal.

Certamente ainda perdura na memoria de todos a brilhante figura que aqui fez o destemido corredor compatriota de Luciano, José Bento Pessoa.

Luciano, porém, devido á sua assiduidade nas pistas dos principaes paizes europeus tem, presentemente, sob o ponto de vista sportivo, mais valor do que aquelle.

Luciano Pinto é já um nome feito no mundo sportivo, tendo tomado parte em numerosas lutas cyclicas a par dos mais famosos corredores universaes.

Para comprovar o que acima dissemos, citemos, ao acaso, as luctas em que se tem empenhado e que nos occorrem á memoria:

Em Vigo, no anno de 1905, durante o mez de setembro, em quatro corridas em que tomou parte, obteve o primeiro logar, em lucta com Neira, Couto Junior, Antonio Lopes, nosos conhecidos, e outros corredores de não menos valentia.

Ainda n'uma corrida de *handicap* dando 15^m a Neira, 20^m a Couto Junior e 25^m a Antonio Lopes, conseguiu obter o 2.º logar, chegando a *méta* em primeiro o seu competidor Hiller.

Em julho do mesmo anno, em Lisboa, por occasião da abertura do Velodromo, disputou a *Nacional* com os seus compatriotas Couto Junior e Antonio Lopes.

N'uma outra corrida em que figurava no programma no pareo *Internacional*, por *equipas* (corrida de velocidade) Luciano conseguiu, contra a expectativa de todos, n'um arranco valente, sobrepujar os seus competidores, batendo com Mathieu as *equipas* Missori-Lopes, Ingold-Couto, Conelli-Carapezzi e outros.

Em corridas de *meio fundo*, ainda em Lisboa, o corredor de que nos occupamos bateu vantajosamente Michel e Carapezzi e Couto Lopes.

Lembra-nos ainda que n'uma *repechage* na capital portu-

gueza, em agosto de 1905 em lucta com todos os corredores seus compatriotas alcançou o primeiro logar, batendo tambem Ingold, Boisson, Carapezzi, Couto e Lopes.

O anno passado Luciano Pinto foi contractado para correr em Londres.

Foi tal o successo obtido, que a maioria da imprensa, sobretudo os jornaes sportivos, teceu lhe os mais rasgados elogios.

Convém notar que a *forma* de Luciano n'essa occasião não era das melhores.

Certamente devem estar lembrados os nossos leitores, pelas noticias que então demos n'esta mesma secção, que Luciano entrou em lucta com o mais terrivel cyclista do mundo, o celebre Jacquelin, no Velodromo de Lisboa conseguindo vencel-o n'uma das *trez manches* perdendo a corrida apenas por um pneumatico.

O delirio que então se apoderou da enorme assistencia que enchia as dependencias do velodromo, foi indescrivel, e desde então é que a reputação de Luciano Pinto ficou definitivamente consolidada.

E' de justiça dizer que Luciano jamais alcançou uma victoria por meio de artimanhas, *fechando* os seus competidores ou tomando-lhes a corda com infracções do regulamento velocipedico.

Soube ser sempre um competidor leal e não será aqui que elle virá desmerecer dos justos conceitos de que gosa.

Luciano Pinto é um rapaz sympathico e tratavel, contando apenas 22 annos de idade.»

A. MENDES

Marfim e Tartaruga
Fabricam-se e concertam-se todos os objectos d'esta especialidade

38, Rua Nova do Almada, 38
Telephone n.º 1231



Os caçadores Julio Figueira e José d'Oliveira assistindo ao almoço da matilha

NATAÇÃO

No desafio Lisboa-Porto por «equipes» fica vencedora a «equipe» portuense

É costume registarem os grandes quotidianos parisienses, quando fazem a chronica d'um d'aquelles acontecimentos mundanos em que Paris é fértil — a abertura do *Salon*, uma corrida de cavallos em Longchamps, a primeira de uma peça nova na *Comédie* ou no *Odeon* — que assistiu *tout Paris*.

Com estas duas palavras significa-se que o Paris do dinheiro, o Paris das elegancias, o Paris da alta finança, o Paris do alto commercio, o Paris da grande industria, o Paris que dá leis, o Paris que governa, o Paris que os outros imitam, foi lá, esteve lá, compareceu.

Se nós quizermos, seguindo a mesma ordem de idéas, dar aos nossos leitores a nota impressionista do que foi a assistencia no desafio Lisboa-Porto, temos que paraphrasear os nossos confrades da imprensa d'além Pyrinéus e dizer: estava lá *todo o Porto*.

Com isto queremos expressar que a assistencia numerosa, numerosissima, alguns milhares de pessoas, era tambem e, sobretudo, selecta. Toda a colonia inglesa do Porto, senhoras em grande profusão

Em seguida os concorrentes tomaram logar a bordo de uma elegante gazolina que o Real Velo Club do Porto tinha a seu serviço e com elles além do juiz de partida, o juiz de corrida, que tomou o leme. O motor poz-se em movimento e a embarcação singrou veloz a contornar o molhe de serviço. Toda a gente se debruçava para velos passar, os bravos rapazes, acolhendo a sua chegada com grandes salvas de palmas e foi assim entre palmas e saudações que os nadadores desembarcaram na jangada de partida.

A pista cuidadosamente marcada pelo sr. A Rumsey, a quem se deve a organização da corrida desde o seu início ao acabamento e nos mais pequenos detalhes, era formada pela jangada a que acima nos referimos solidamente construída sobre barricas e por uma extensa linha de barcos fundeados de 50 em 50 metros. Em terra, a meio do percurso um mastro encimado por uma bandeira inglesa, marcava os 250 metros.

A chegada era marcada por um extenso poste fluctuante, amarrado por cordas a dois barcos fundeados, dentro dos quaes estava o jury.

Achamos *une trouvaille*, esta fórmula de marcar a chegada. A corda que até aqui, se tem usado em Lisboa tem o inconveniente de fazer boça e de se submergir, além de que, mal se vê.

Os nadadores logo que chegam occupam os seus logares. A jangada era numerada, de forma que este serviço fez-se rapido e sem a minima confusão. Cada logar tinha o numero respectivo, de forma que os nadadores collocados á frente d'esse numero ficaram na distancia regulamentar uns dos outros. Achamos magnifico tambem.

O jury de partida faz as perguntas do estylo dá o tiro e todos cahem á agua ao mesmo tempo.

Começou então a lucta. A agua corre contra, os primeiros metros



Aspecto do Porto de Leixões por occasião do campeonato de natção

ponde uma nota ridente na multidão que assistia á corrida, de cima dos molhes, dispersa pelos rochedos, até á beira d'agua, o Porto do alto commercio, o Porto da alta industria, o Porto rico, tudo isto lá estava ou nos molhes ou em barcos, e havia-os de todas as fórmulas e feitos postados ao longo da corrida.

Havia de tudo desde o pic-nic elegante, cheio de senhoras, á lancha a gazolina e ao classico escaler a vapor. Tudo isto transbordava de gente e em toda a parte se viam senhoras dando com as suas vestes claras uma nota de alegria ao quadro, interessadas na corrida tanto ou mais que os homens.

As senhoras de Lisboa, que não se incommodam em assistir a uma coisa d'estas receberam no Porto uma lição, que muito naturalmente e muito infelizmente não aproveitam!

Mas vamos á descripção da corrida.

Logo que os concorrentes enfiaram os seus fatos de corrida, o jury de partida procedeu ao sorteio dos logares para a partida.

A linha de partida ficou assim formada :

- N.º 1 — Marçal.
- » 2 — E. Dumont Villares.
- » 3 — A. Rumsey.
- » 4 — W. Wrihgt.
- » 5 — M. Bustorff.
- » 6 — F. Soares.
- » 7 — G. Tait.
- » 8 — J. Barata.
- » 9 — F. Martins.
- » 10 — F. Bordallo Pinheiro.

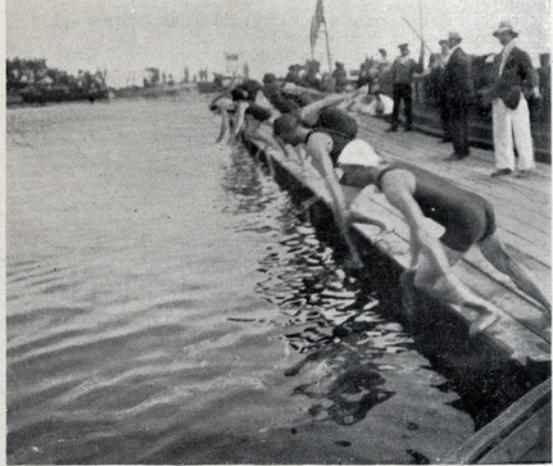
são difficeis; os nossos teimam, querem não ser vencidos logo de principio e extenuam-se, desanimam. Pouco a pouco Wrihgt, Tait, Villares e Rumsey começam a surgir á frente dos nossos. Dos do Porto só Martins fica para traz, mas esta circumstancia parece ser ignorada dos nossos, que d'ella não tiram partido. Ahi pelo meio já a distancia entre aquelles nadadores, faceis de distinguir pelos seus caps pretos, dos nossos que, os levavam azul claro era de alguns metros. Wrihgt distancia-se mais e mais, chega primeiro. Tait segundo, a seguir Villares e Rumsey. A taça Leixões estava ganha para o Porto, perdida para nós! Marçal ainda embala e chega á frente dos de Lisboa, a seguir Bustorff, depois Martins e depois Soares. Bordallo e Barata chegam ultimos.

São estes os tempos e os pontos marcados por cada corredor :

1.º W. Wrihgt.....	11', 53"	1	Porto
2.º G. Tait.....	12', 10"	2	»
3.º Villares.....	12', 10"	3	»
4.º A. Rumsey.....	12', 30"	4	»
5.º F. Marçal.....	13', 53"	5	Lisboa
6.º M. Bustorff.....	13', 55"	6	»
7.º F. Martins.....	14', 30"	7	Porto
8.º F. Soares.....	14', 35"	8	Lisboa
9.º F. B. Pinheiro.....	15', 9"	9	»
10.º J. Barata.....	15', 25"	10	»

17 pontos marcados pelo Porto contra 38 marcados por Lisboa Tremenda derrota! E a taça, essa linda taça, inspirada por Rum-

Campeonato de natação em Leixões



1. Nadadores dirigindo-se para a jangada — 2. A' água — 3. Aos 250 metros — 4, 5. e 6. Interessantes aspectos

Cliches Candido Silva

sey e Vieira da Cruz, feita no Porto, lá fica! Virá alguma vez até Lisboa? Palpita-nos ser necessario algum esforço, muita tactica, mais treno para que isso se consiga

Devemos aqui tecer elogios á fórma porque a corrida foi organizada. Excelente! Magdifico! Tudo estava a postos, tudo fóra previsto. A pista muito bem marcada, ampla, larga... Magnifico!

E o que dizer da educação sportiva de todos aquelles que assistiram á corrida? Ficamos todos maravilhados! Ninguem cortou a pista, nenhum barco sahio fóra do seu logar!

A nossa armada fez-se representar. Estavam no Porto 3 torpedeiros, os n.ºs 2, 3 e 4 que demoraram a sua partida e foram até Leixões proposadamente para assistir á corrida, e honrar a mesma com a sua compareancia.



HIPPISMO

«Raid» hippico

Promovido pela *Illustração Portuguesa* realisou-se ás 2 horas da tarde do dia 16 do corrente na Avenida da Liberdade a partida dos concorrentes ao *raid* á qual assistiu o sr. ministro da guerra acompanhado do sr. capitão Peixoto Bourbon, os quaes foram recebidos pelo sr. conde de Font'Alva vice-presidente da commissão.

Os concorrentes são os srs. tenente Beltrão, tenente Silva Reis, alferes Silva Alves, tenente Carvalho da Silva, Victor Ryder, alferes Callado, tenente Alexandre Wanzeller, alferes Pereira Cabral, tenente Silveira Ramos, alferes Peixoto da Silva, alferes Jara de Carvalho, aspirante Carvalho, João de Sá Nogueira, capitão Chagas Parreira, capitão Falcão dos Santos, tenente Bruno Cabedo, tenente Oliveira Reis, tenente Alvaro de Mendonça, alferes Andrade Pissarro, tenente Costa Sabino, alferes Sousa Namorado, alferes Costa Ramos, alferes Sá Nogueira, tenente Sousa Azevedo, alferes Solano de Almeida, Sebastião da Cunha e Silva e alferes Castro Constancio.

Os premios que serão distribuidos aos vencedores, são:

1.ª secção — 1.º classificado — O premio de el-rei e o da *Illustração Portuguesa* (1:000.000 de réis).

2.º classificado — O premio do ministerio da guerra (500.000 réis).

2.ª secção — 1.º classificado — O premio de sua magestade a rainha e o dos lavradores (uma importante quantia em dinheiro).

2.º classificado — O premio do ministerio das obras publicas (réis 500.000).

Um cavallo *pur sang* do sr. conde de Font'Alva.

200.000 réis, de Elvas.

60.000 réis do Club Taumachico.

Um arreo completo para a 1.ª e 20.000 réis para a 2.ª, da commissão da Figueira da Foz.

Um arreo á Relvas da commissão da Gollegã.

Um objecto d'arte da Real Associação de Agricultura.

Um objecto d'arte, do conselho districtal de agricultura do Porto.

Uma faiança artistica, executada por Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, da commissão das Caldas da Rainha.

Um estojo de *toilette* em prata fósca, da camara municipal de Penafiel.

Um objecto d'arte, da camara municipal da Chamusca.

Medalhas de ouro, da Mealhada, Ovar e Anadia.

Um objecto d'arte e medalha de ouro, de Agueda

Dois premios, sendo um offerecido por uma commissão de senhoras de Villa Viçosa.

Dois premios, um dos officiaes da Escola Practica e outro da classe civil de Vendas Novas.

Um premio, da commissão da Covilhã.

Um objecto d'arte, do Syndicato agricola de Abrantes.

Medalha de ouro, do sr. Mario Duarte, de Aveiro.

Medalha de ouro, do sr. dr. Solano d'Abreu, de Abrantes.

Tres premios do Porto, sendo um d'elles offerecido pela camara municipal.

Os cavalleiros que concorriam eram em numero de 34, desistindo 7. Ficaram por conseguinte, 27.

A sua pesagem e das montadas realisou-se no Mercado Geral de Gado, pesagem a que assistiu o sr. ministro da guerra e a commissão organisadora do *raid*.

Essas operações foram presididas pelos srs. tenente coronel Alfredo de Albuquerque, capitães Alvim, Costa Oliveira e Francisco Teixeira, secretario da commissão.

Os pontos forçados do *raid* são os seguintes:

Lisboa-Torres Vedras	54 km. 650
Torres-Caldas da Rainha	43 » 810

Caldas-Leiria.....	55 km. 760
Leiria-Figueira da Foz.....	50 » 380
Figueira-Coimbra.....	45 » 500
Coimbra-Aveiro.....	57 » 245
Aveiro-Porto.....	70 » 256
Porto-Penafiel.....	37 » 720
Penafiel-Villa Real.....	70 » 580
Villa Real-Lamego.....	39 » 210
Lamego-Vizeu.....	82 » 020
Vizeu-Guarda.....	85 » 620
Guarda-Covilhã.....	44 » 780
Covilhã-Castello Branco.....	62 » 220
Castello Branco-Portalegre.....	80 » 250
Portalegre-Elvas.....	54 » 900
Elvas-Villa Viçosa.....	30 » 200
Villa Viçosa-Extremoz.....	17 »
Extremoz-Evora.....	45 » 100
Evora-Vendas Novas.....	52 » 760
Vendas Novas Coruche.....	35 » 840
Coruche-Chamusca.....	56 » 700
Chamusca-Abrantes.....	36 » 020
Abrantes-Gollegã.....	31 » 540
Gollegã-Santarem.....	48 » 920
Santarem Lisboa.....	72 »

Total do percurso 1:360 kilometros, 880 metros.



NAUTICA

Regatas em Algés

Realisaram-se no dia 15 do corrente no bello sitio de Algés as annunciadas regatas, as quaes correram com bastante enthusiasmo. O resultado foi o seguinte:

1.ª corrida — inriggers de 6 remos, percurso 1 milha, premio medalha de prata.

Venceu o *D. Affonso*, da Real Associação Naval, tripulado pelos srs. G. Dawe, Angelo Gomes, Fernando Costa, Stanley Smith, José Duarte, José Serra Pereira, voga, e Luiz Rembado, timoneiro.

2.ª corrida — inriggers de remos, tripulado por senhoras, percurso meia milha, premio medalha de vermeil.

Venceu o *Infante D. Manuel*, tripulado pelas banhistas de Pedroucos, sr.ªs D. Herminia de Oliveira, D. Julia Testa, D. Bertha Fletcher, D. Carolina Marques, voga, e o sr. Augusto Salgado, timoneiro.

3.ª corrida — inriggers de 4 remos, tripulado por banhistas, premio medalha de cobre.

Venceu o *D. Maria Pia*, tripulado pelos srs. Carlos Testa, Luiz Krusse Gomes, Narciso de Oliveira, R. Moraes, voga, e Antonio V. Hortas, timoneiro.

4.ª corrida — charutos, percurso um quarto de milha, primeiro premio medalha de prata, segundo premio medalha de cobre.

Ganhou o primeiro premio o sr. N. de Oliveira, e o segundo o sr. José Ribeiro.

5.ª corrida — charutos, percurso um quarto de milha, primeiro premio medalha de prata, segundo premio medalha de cobre.

Ganhou o primeiro o sr. José Ribeiro e o segundo o sr. Mario Pistochin.

6.ª corrida — natação, banhistas de Algés, percurso 100 metros, primeiro premio medalha de prata, offerta do sr. Antonio Lobato, segundo premio medalha de cobre, offerta do sr. Francisco Miguel Caiiro, terceiro premio medalha de cobre, offerta da commissão.

Ganhou o primeiro, o sr. José Faria, o segundo, o sr. Henrique Ponte e o terceiro o sr. João Mendonça.

7.ª corrida — natação, para socios de todos os clubs de sport de Lisboa, percurso 100 metros, primeiro premio medalha de prata, segundo medalha de cobre.

Ganhou o primeiro, o sr. Luiz Krusse Gomes e o segundo o sr. Arthur Pala.

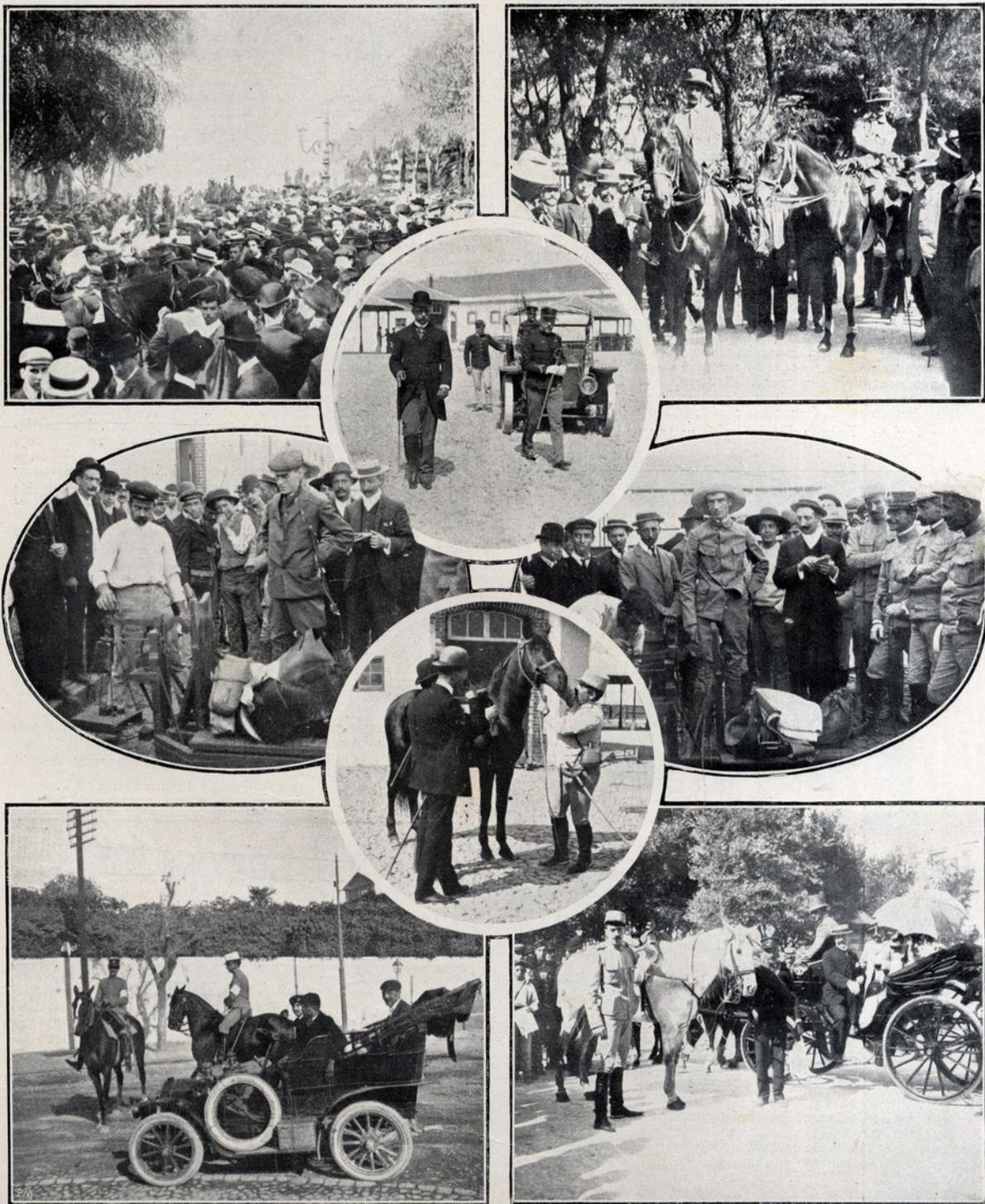
8.ª corrida — natação para meninas até 15 annos, percurso 60 metros, primeiro premio medalha de prata, segundo medalha de cobre.

Ganhou o primeiro, a menina Anna M. Monteiro e o segundo, a menina Albertina Gameiro.

9.ª corrida — Botes catraios, tripulados por homens da arte; percurso uma milha, premio 10.000 réis.

Ganhou a *Flor do chá*, de que é arraes Manuel da Abelheira.

«Raid» Hippico promovido pela «Ilustração Portuguesa»



1. Aspecto da Avenida na ocasião da partida — 2. Os srs. Sebastião da Cunha e alferes Constanção nos cavallos do sr. conde de Fontalva — 3. O sr. ministro da guerra dirigindo-se para o local da pesagem — 4 e 5. O sr. Ryder e outros concorrentes assistindo á pesagem dos arreios — 6. O sr. tenente Silva Reis preparando-se para a partida — 7. O automovel conduzindo o sr. Hogan Teves, representante do Seculo — 8. O sr. tenente Wanzeller.

Clichés Benoitel



Aos automobilistas

Apresentamos hoje aos nossos leitores uma util novidade que será brevemente posta á venda nas principaes garages e cuja descripção fazemos.

Parsons Sparklet Inflators

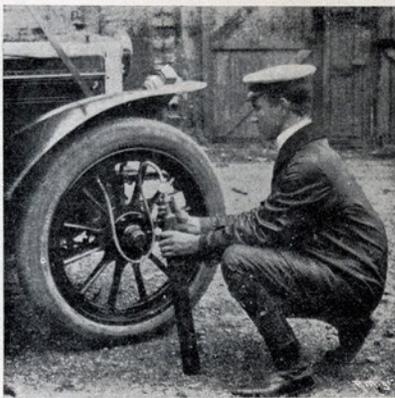
(Bomba para enchimento de pneumaticos)

A valvula. — A valvula do cylindro (que está registada) foi especialmente construida para ser usada em cylindros contendo gaz comprimido e é feita de maneira que n'ella não possa haver desarranjo.

E automatica e deixa escapar uma quantidade de gaz que dimana com firmeza, sem produzir blocos de gelo sobre o mesmo.

O tubo. — O tubo, o manometro e o abridor da valvula, são tão simples que não precisam de explicação. A forja do diaphragma que cobre a sahida de segurança, está regulada de maneira a expellir o gaz quando este attingja uma pressão de cerca de 125 libras e foi assim feito, porque o custo da substituição é insignificante.

Dois adptadores são fornecidos com cada aparelho, para que se possa adaptar ao cylindro, qualquer typo de valvula de pneumatico.



Bomba applicada ao pneumatico

O contheudo. — O cylindro contém o gaz CO₂ puro, liquefeito, por compressão. Este gaz, é o mesmo que empregam os fabricantes de aguas gazozas e é absolutamente livre de quaesquer acidos mineiros ou de qualquer outra materia que tenha acção sobre a borracha.

De facto, como é livre de oxygenio, torna-se mais proprio do que o ar para o enchimento de pneumaticos. Não é de effeitos nocivos sobre o interior dos tubos e valvulas, como foi experimentado e provado.

Funcionam hoje pneumaticos cheios ha seis mezes com o gaz d'estes cylindros nos quaes ainda se não tocou.

A quantidade de gaz contida em cada cylindro, é sufficiente para encher 10 pneumaticos de 870 x 90 m/m. a uma pressão de 80 libras.

Quando os cylindros estiverám exgotados elles não podem por privilegio, ser cheios senão pelos fabricantes dos mesmos, o que constitue uma garantia para a pureza do contheudo. Os cylindros vasilos, podem ser trocados por outros cheios em qualquer garage que d'elles tenha stock.

Experiencias da Companhia dos Pneumaticos Dunlop. — A salvagão dos pneumaticos. — Uma das maiores fontes de deterioração dos pneumaticos, é a falta de enchimento. Seguramente dois terços dos pneumaticos que tem sido remettidos a esta Companhia para reparação, dão signaes evidente, de terem sido inutilizados por falta de enchimento. Explica-se isto, pelo esforço necessario para se obter uma pressão de 20 libras, n'uma bomba de pé.

Além d'isso uma das maiores razões e a difficuldade de assegurar uma pressão exacta dentro dos pneumaticos, isto porque os jactos produzidos pela bomba de pé tornar quasi impossivel a leitura na pressão do manometro.

Com a bomba Parsons Sparklets, a pressão firme e constante do gaz que sae, facilita a verificação da pressão dentro do pneumatico, e é claro, não é possivel que elle fique mal cheio.

Inutil é dizer que por este meio se aumenta consideravelmente a duração do pneumatico e o custo do gaz, é compensado pela diminuta despeza da conservação d'aquelle.

Importante. — Não obstante ter algum interessado, dito o contrario, garantimos que a bomba Parsons Sparklet acima descrita, é absolutamente inoffensiva para os pneumaticos Dunlop.

O fim a que se propõe a bomba Parsons Sparklets, é principalmente poupar tempo e trabalho aos automobilistas e em segundo lugar, poupar os pneumaticos e consequentemente dinheiro.

Esta bomba poupa tempo e trabalho. — O tempo e trabalho comprehendido no enchimento de um pneumatico, a uma pressão de 80 libras é sempre apreciado pelos automobilistas.

Pelo uso d'esta bomba a operação completa, incluida a aparafusagem do tubo, e sua desaparafusagem, no tubo do cylindro, pode ser feita dentro de um minuto. Uma ligeira pressão dos dedos nas porcas do cylindro é todo o trabalho necessario.

O gaz, em vez de entrar no pneumatico por jactos successivos, que mal permitem avaliar a pressão, sahe sempre com uma pressão absolutamente certa e pode a sua sahida ser interceptada, logo que a pressão desejada seja attingida. A operação é perfeitamente simples, nenhuma experiencia nem esforço são necessarios. O cylindro quando em uso, deve estar na posição vertical mas não necessita por isso de ser tirado para fóra da caixa. Este aparelho tem uma valvula de segurança que descarrega a uma pressão de cerca de 125 libras e que portanto previne a ruptura do pneumatico, em caso de um enchimento pouco cuidadoso.

Salva os pneumaticos. — Os fabricantes de pneumaticos podem fazer desferir a pressão necessaria para o enchimento dos seus pneumaticos, mas todos concordam que a falta de enchimento dos mesmos são muitas vezes a causa da ruina d'estes.

Uma das razões que mais talvez desculpe esse facto, é o trabalho intenso que é necessario para se obter uma pressão de 20 libras com uma bomba de pé.

Uma outra razão, e talvez a maior, é a difficuldade de assegurar uma pressão constante dentro dos pneumaticos, por causa dos jactos intermitentes da bomba, que prduzem uma pressão que se não pode medir exactamente.

Com a bomba Sparklets, a pressão firme e constante do gaz que sae com uma tensão proporcional, torna facil a avaliação da pressão do gaz, no interior do pneumatico, que é de absoluta precisão e assim, tornar-se indesculpavel a falta do enchimento completo dos pneumaticos.

Por este meio, a duração do pneumatico augmenta consideravelmente e o preço do gaz á compensado pela diminuta despeza de conservação dos pneumaticos.

O cylindro. — Os cylindros das bombas Parsons Sparklets, são manufacturados com aço forjado inglez, tem 24" de comprimento, e 2 1/2" de diametro, com o peso de 9 libras, quando cheios. São feitos e experimentados em conformidade com o regulamento da junta do commercio.

Não ha motivo para reclamações d'estes cylindros, que foram feitos segundo as exigencias da Junta do Commercio. Pois que contém o gaz CO₂ em estado liquido e não tem perigo de explosão, ou qualquer outra especie.

O gaz CO₂ liquido, tem sido usado durante annos em diversas industrias, sem que tenha sido registado qualquer assistente.

Cardozo & Correia Photographos

Trabalhos em todo o genero

Rua da Palma, 37

JOÃO ANJOS

Fabricante de Medalhas estampadas

em qualquer metal para corridas, regatas, etc.

Especialidade em emblemas esmaltados

121, Rua de S. Roque, 123

PASTELLARIA MARQUES

Manuel Marques & C.^{ta}

ESPECIALIDADE em doces d'ovos, biscoitos secos, bombons-chocolates, vinhos nacionaes e estrangeiros, licores, cognacs, etc.

Fornecem-se Lunchs, Jantares e Soirées

Telephone n.º 989

70, CHIADO, 72

LISBOA



Corrida de Marathona

Esta grande prova sportiva organizada pela nossa revista, já não é no dia 13 de outubro mas sim no dia 20 do mesmo mez. Os concorrentes são 9, a saber: Augusto Jorge, Antonio Fernandes e Carlos Marques pelo «Grupo Sport de Bemfica»; H.



A. Lowe, K. B. Thompson e A. S. Cooper pelo «Cavalleros Club»; Joaquim Vital, Alberto Madeira e N. N. pelo «Foot-Ball Cruz Negra».

Damos hoje a reprodução das magnificas medalhas de vermeil e prata para os vencedores.

Grupo Sportivo do Atheneu

Sob o Regulamento da U. V. P. realisou este prospero grupo, no dia 18 d'agosto, a brilhante corrida no esplendido parque do Campo Grande, tendo principio pela corrida pedestre de 1.500 metros, chegando em primeiro logar o sr. Joaquim das Neves Vital e em segundo o sr. João Figoureiro. Seguiu-se a corrida de bicyclettes, 4 voltas do Campo Grande, chegando em primeiro logar o sr. Silva Junior em 32 minutos, e em segundo o sr. Antonio Duarte. O clou da festa era a corrida de Villa Franca ao Campo Grande da qual sahiu vencedor o sr. Francisco Cordeiro que fez o percurso em 1 hora e 7 minutos.

Este grupo, que nunca descança por trabalhar pela causa da educação physica, já está elaborando um programma para outra festa de sport. Bem haja.

Foot-ball Association

Para a época 1907-1908 vigoram as leis da época anterior com as seguintes observações:

Lei 9.^a — *Empurrão pelas costas.* — Se um jogador se voltar para o proprio goal no acto de ter a bola, ou em qualquer circumstancia que esteja estorvando aquelles que a tiver, pode ser empurrado de costas.

Lei 6.^a — *Fóra do jogo.* — Um jogador não é considerado fóra do jogo se estiver dentro da sua metade de campo.

Lei 13.^a — *Atribuições do juiz do campo.* — No caso de expulsão de algum jogador o juiz tem direito a conceder um pontapé livre ao partido contrario.

Educação physica

O maior e sem duvida o mais atrevido dos bisbilhoteiros é incontestavelmente o Acaso.

Foi elle quem ha dias nos collocou em sitio azado para, sem sermos presentidos, escutarmos o seguinte dialogo:

— «Mas, meu pobre amigo, tu ainda não notaste que o teu andar é, não somente moroso, mas indeciso, hesitante; que caminhas constantemente com a cabeça baixa como quem procura logar commodo e seguro para se estender ao comprido e exhalar o ultimo suspiro; que as tuas espaldas se parecem a um arcabouço que acaba de servir de supporte a uma abobada?»

Tudo isto são maus symptoms, muito maus symptoms, que denunciam uma vida triste e quasi no seu termo.

O pulso!...Esse então está caprisante ao ultimo grau.

Basta reparar no brilho desmesurado de teus olhos para te vaticinar uma curta existencia; ou uma vida longa, mas toda de soffrimento e de spleen, o que seria ainda peor.

Decide-te, pois, a ir ter commigo, amanhã o mais tardar, pelas 3 horas da tarde, no sumptuoso edificio da Liga Naval e tu verás como se adquirem forças e elegancia.»

Alongam-se duas mãos, troca-se um banal cumprimento e cada um parte para seu lado.

Aguçados pela curiosidade, no dia immediato, apesar do *rendez-vous* não ser dado consequentemente á nossa humilde pessoa, á hora determinada apresentamos-nos tambem no local aprazado.

Entramos em uma sala espaçosa 11x5, com um pé direito admiravel, preparada e nas condições que a moderna gymnastica aconselha, tendo a parede da frente toda coberta com um apparelho em espaldar, onde doze alumnos podem evolucionar ao mesmo tempo. Assistimos por uma meia hora á lição, que ali ministrava proficientemente e com um conhecimento profundo da materia, o nosso particular amigo Joaquim Costa, digno 2.^o tenente da nossa armada.

Comprehendemos então toda a verdade das asserções por elle desenvolvidas na vespera, e reconhecemos, ao ver alli, meio descoberto e com um embaraço muito pronunciado nos movimentos, que o seu novo alumno só por milagre poderia readquirir o vigor e a energia que a natureza de um ser doentio e molé tinha exgotado por completo.

Se o milagre se produzir, nós cá estamos, como sempre, promptos a divulgá-lo; tanto mais que desde muito temos começado um artigo de critica laudatoria, mas muito imparcial, em que visamos os dois inseparaveis apóstolos da educação physica — Carlos Villar e Joaquim Costa — que, por uma incomprehensivel aberração de sociedade para não dizermos obstinação de indifferentismo social, se encontram sempre afastados um do outro, sem poderem conjugar as suas idéas, praticando em commum a acção de desenvolvimento, a theoria progressiva do moderno systema de preparar os homens para a vida e para a lucta.

Antonio da Costa Ferreira

Fallecido em Torres Novas

E' sempre dolorosa a missão do chronologista quando tem de empregar a sua penna para tecer um necrologio ou simples noticia do fallecimento de alguém, se esse alguém é uma pessoa querida e quasi da familia, como hoje succede, pois que os crepes do lucto envolvem a fronte angustiada do nosso collega, secretario da redacção, essa missão torna-se inexequível, e a penna é improficua para expressar o sentimento que nos punge.

Uma lagrima de saudade pelo extinto e o conforto da resignação ao nosso estimado collega, é tudo quanto n'este momento podemos conceber, tal é a perturbação do nosso espirito.



Campanato de natção em Leixões — Grupo de representantes de varios Clubs de Sport



XVII

«L'arte ci può ritemperare nelle traversie della vita, consolare nelle amarezze, scaldare nei geli, suscitare nei torpori, consigliare nei dubbi...»

MARIO PILO.

SUMMARIO: O livro de Hellouin (continuação). — PELO ESTRANS GEIRO: A morte do grande violinista Joseph Joachim. — PEQUENA NOTÍCIAS.

Continuo ainda hoje a entreter os meus leitores com o livro de Hellouin, de que principiei a fallar na *Chronica* passada.

Uma das partes mais interessantes da obra é quando se refere á historia da critica musical moderna. O primeiro nome que nós encontrámos foi o de Castil-Blaze. Este era um musico e introduziu na imprensa um estado de espirito novo. Assim, desde o principio das suas chronicas musicaes, como podemos ver no *Journal des Débats*, de 7 de dezembro de 1820, Blaze diz: «esta chronica será exclusivamente consagrada á musica».

Depois d'este apparece-nos François Fetis, professor de contraponto no Conservatorio; este professor teve a idéa de fundar com Blaze uma revista musical, mas o seu projecto ficou sem obter os resultados desejados, porque viu-se sozinho! Em 1827, Fetis lançou a *Revue Musicale*, em que era o unico redactor. Esta nova folha apresentou-se logo como um jornal serio no estudo das obras, como variado nos assumptos tratados.

D'ahi a pouco appareceu o *Menestrel*, depois a *Gazette Musicale*.

A imprensa diaria tambem nos revela nomes como Th. Gautier, Charles Maurice, Berlioz, Blaze de Bury, Scudo, Fiorentino, Jouvin, Azevedo, Gasperim, Hippolyte Prévost, etc.

Entramos agora em outro capitulo não menos curioso, o que se refere á critica musical moderna. Temos aqui a notar a verdadeira onda que nos invade, d'obras sobre Ricardo Wagner.

Esta litteratura, segundo o auctor do livro, brilha mais pela quantidade que pela qualidade! Muitos elogios, mas critica seria muito pouca!

O auctor do livro traça-nos o seguinte quadro da critica musical moderna:

Compositores

Litteratos: Bruneau, Saint-Saens.

Não litteratos: Debussy, Fauré, Joncières, Rousseau.

Musicos

Litteratos: Bellaigine, Lalay, Malherbe.

Não litteratos: Pougin, Soubies.

Litteratos

Não musicos: Combarieu, Mendès.

Musicos intuitivos: Fourcaud, Gauthier, Villars, Lalo, d'Udine.

Hellouin passa a analysar cada nome em separado dizendo as verdades nuas e cruas; parece que o auctor do livro pouco temeu ao escrever a sua obra!!

São tão curiosas estas criticas, que não devo deixar de

resumir quanto possivel a sua opinião, e transcrevel-a para aqui:

«Bruneau, não nos offerece nada de critico nem de musical. Os seus artigos assemelham-se a litteratura de professor primario com ares de eloquente.

Saint-Saens, possui um espirito conservador e um bom senso extraordinario, e as suas observações são exactas.

Debussy, as suas qualidades criticas estão muito longe de egualar as suas faculdades creadoras. Abandonou o jornalismo onde escreveu na *Revue Blanche* e no *Gil Blas*. Revelou sempre opiniões bizarras, que elle lançava e que ninguem se cava a discutir.

Fauré, nota-se n'este critico, ausencia de convicções, e entrou muito tarde na carreira.

Foncières, muita coisa sã nos escriptos, mas muito summaria.

Rousseau, o seu estylo é bastante descriptivo, e a sua amabilidade tornou-o estimado de todos.

Bellaigine, faz mais caso da phrase que da idéa e assim esquece o que seja a musica. Elle acha que Taine é um optimo critico musical porque falou bem de Beethoven e de Mozart. Bellaigine pensa muito em si, e parece escrever as suas obras defronte d'um espelho.

Laloy, teve a feliz idéa de estudar a composição com d'Indy, por isso é um dos criticos mais notaveis.

Malherbe, depois de terminar o seu curso de direito, tornou-se discipulo de Wormser e de Massenet. E' indulgente demais, notando-se isto nos seus artigos.

Pougin, é um verdadeiro homem de combate. Julga-se o principe da critica e da historia, dizendo muitas vezes: «a minha bagagem litteraria», mas os seus conhecimentos soffrem grandes lacunas.

Soubies, os seus trabalhos, ainda que pouco desenvolvidos, não são mal feitos, apresentando obras curiosas da historia musical.

Combarieu, é director da *Revista Musical*. A sua capacidade para errar não tem limites! Os seus trabalhos estão cheios de verdadeiras tolices. Assim, diz: «o thema principal e inicial da *Symphonia heroica* foi reproduzido por Mozart na symphonia de *Bastien e Bastienne*». Argumento assaz singular porque a opera comica é de 1768 e a symphonia de Beethoven de 1804, quer dizer que Mozart se utilisou dos materiaes descobertos depois da sua morte.

Mendès, é um poeta affastado da critica musical. Usa d'uma linguagem florida, agradável a ler, mas fundo absolutamente nenhum.

Fourcaud, é bastante solido de estylo e de valor musical. Os seus artigos no *Gaulois* são geralmente divididos em tres partes: poema, musica e interpretação.

Gauthier-Villars, como critico é bem dotado, mas não cultiva os seus dotes naturaes. O seu estylo é pouco cuidado, deseja tornar-se engraçado, nascendo d'aqui uma fraqueza no artigo.

Lalo, é bastante irregular na fórma, mas é considerado como um dos melhores criticos.

D'Udine, é um intuitivo, possuindo nos seus estudos algumas lacunas. Muda muitas vezes de opinião, e elle mesmo o diz.

Ao lado d'estes não devemos esquecer alguns novos, como Calvacoressi, Laurencio e Mougeot; e na provincia, Destranges em Nantes, Romain em Angers, etc.»

Como podemos ver, Hellouin deu-nos uma obra interessante, já pelo lado artistico, já pelo aspecto litterario que é assaz cuidado.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

*
*

Os jornaes acabam de transmittir ao mundo culto a morte d'um artista, que na lista dos violinistas deixou um verdadeiro vacuo. Refiro-me ao grande violinista Joseph Joachim. Falleceu em Berlim com a idade de 76 annos, tendo nascido

em Ritsee, perto de Presburgo, na Hungria, em 1831. Principiou muito cedo, apparecendo em publico pela idade de sete annos.

O seu nome notavel principiou de um modo engraçado. O conhecido artista Wieniawski dava n'esse tempo uma audição. Como se sentisse encommodado no momento em que tocava, teve que deixar a rabeca. Das cadeiras sahi então um rapazinho elegante, e pegando no violino continuou a execução completa do programma! A belleza do som e a technica já eram assombrosos, conquistando uma grande ovação; este rapaz era Joachim! Foi em 1850 que pela primeira vez se fez ouvir em Paris. Tres annos depois foi nomeado mestre de capella em Hanovre; em 1859 conquistava o grau de membro laureado da Academia de Musica de Berlim, e era nomeado director da Escola de musica instrumental. Em 1877 a Academia de Cambridge deu-lhe o titulo de Dr. honorario em musica.

*

No salão do conservatorio realisou-se um concurso para pensionistas do Estado no estrangeiro. Foram dois os concorrentes: o canto, a sr.^a D. Herminia Alagarim e no violino, o sr. Ivo da Cunha e Silva. A distincta cantora cantou a aria do 3.^o acto da *Aida*: «L'Susana parola, Cielo Azzuri» e a romanza da *Cavallaria Rusticana*; foi classificada com 10 valores, distincção. O sr. Ivo da Cunha e Silva faltou por estar ausente, devendo fazer o concurso mais tarde. O sr. Cunha e Silva pertence a uma familia de artistas, foi sempre um alumno muito applicado, e devido ao seu incontestavel talento hade fazer, estamos certos, um concurso brilhante.

→ O grande regente d'orchestra Weingartner foi nomeado director da Grande Opera de Vienna d'Austria.

→ A lingua Esperanto principia a entrar no theatro. Na opera lyrica ainda não, mas estamos certos que em breve a veremos em S. Carlos...

→ O escriptor musico russo Korsakow está terminando uma opera sobre um assumpto popular *Zolotoi Pietouchok*, que será cantada este inverno na opera Imperial de S. Petersburgo.

→ Ainda se acha na Allemanha em tratamento o distincto critico musical e nosso collega do *Diario de Noticias*, sr. Julio Neuparth.

→ O tenor francez Alvarez fez a sua entrada na Opera de Paris, no *Propheta*.

→ O distincto violinista Julio Cardona, vae dar inicio a uma composição musical sobre um assumpto lendario.

Secção de Photographia

DO

Salão de jogos

Completo sortimento de material photographico de todas as qualidades e auctores.

Preços os mais baratos do mercado.

R. NOVA DO ALMADA
48 a 50

Telephone 1231



GANADERIAS BRAVAS DE PORTUGAL

(APONTAMENTOS PARA A SUA HISTORIA)

Dr. Duarte Laranja

(1870-1890)

A ganaderia que durante este lapso de tempo possuiu o dr. Manoel Duarte Laranja, foi certamente uma das mais estimadas do paiz, que gosou de bastante credito, lamentando ainda hoje todos os bons aficionados que a morte do seu proprietario occasionasse a sua extincção.

Desde o publico frequentador das principaes praças do paiz, até ao dos circos mais modestos, onde quer que apparecesse no cartaz o nome do reputado e consciencioso creador, era certo levantar-se logo desusado enthusiasmo, pois todos tinham a certeza de ir ver lidar rézes que só deixavam de sobressahir se porventura não havia no grupo artistico elementos que as soubessem aproveitar.

Os touros d'esta ganaderia salientaram-se sempre pela bravura, mas ainda mais pela nobreza, consentindo toda a especie de lide que os artistas lhe queriam dar.

Bastantes foram os toureiros apaixonados pelas rézes com o ferro do dr. Duarte Laranja. *Guerrita*, esse colosso da arte de Montes que a Hespanha se pôde orgulhar de ter possuido, foi um d'elles, chegando mesmo algumas vezes a impôl-as ás empresas de Portugal; *Faico* foi outro, e se não as impunha, solicitava-as. Ambos, por mais de uma vez, incitaram o dr. Duarte Laranja a apresentar os seus touros em Hespanha, garantindo-lhe um successo.

Um outro artista de renome, que tinha verdadeira predilecção pela afamada raça de Coruche, foi o nosso saudoso José Joaquim Peixinho (filho), que toureava as rézes do dr. Laranja sempre com grande satisfação e contentamento, pois dizia ser muito feliz nas tardes em que tinha de as lidar.

E, de facto, assim parece, como talvez possa servir de prova o seguinte:

Em 1893, estando já aquelle nosso querido artista muito abatido pela doença que o vinha minando dia a dia, pelo que só toureava uma ou outra vez — e pelo motivo da sua grande e provada *aficion* —, foi convidado pela empresa da praça do Campo Pequeno, que então era constituída pela firma Dias, Monteiro & C.^a, para trabalhar em determinada tarde.

Pelo motivo exposto, isto é, em consequencia da sua doença, José Peixinho não acceitou o convite, mas comprometteu-se a tourear uma corrida logo que a empresa apresentasse touros do dr. Duarte Laranja.

Entretanto José Peixinho partiu a convalescer para as Caldas da Rainha, seguindo d'alli para o Luso e Bussaco, onde certa tarde lhe foi parar ás mãos um telegramma da referida empresa, a qual lhe perguntava se de facto estava disposto a tourear na tarde de 21 de maio, rézes do dr. Laranja.

A resposta foi affirmativa, regressando o popular artista immediatamente a Lisboa, cheio de enthusiasmo, por ir mais uma vez lidar touros de uma das ganaderias mais suas predilectas.

(Continúa.)

CARLOS ABREU,

SECCÃO LITTERARIA

ETERNA NOITE

Romance historico, escripto expressamente para esta revista por J. Bivar de Sousa

(Continuação do n.º 361)

No entretanto, o tenente, sentando-se na cadeira, erguera a mão direita como pedindo silencio e tranquillidade. Ia falar, não no seu idioma, mas em hespanhol para dizer áquella gente quem era, d'onde vinha e o que desejava.

Com a voz um pouco debil, enfranquecida não somente pela fadiga das peripecias do caminho, senão ainda pela perda do sangue que lhe escorria do ferimento da cabeça, disse por entre a vozeria apavorada dos locatarios:

— Sou um tenente da marinha ingleza, chamo-me Vasques Hopwod. Fiquei em terra quando os navios da esquadra a que pertencia, partiram, levando a rainha e o regente de Portugal.

«Encontro-me ferido, fadigado, tenho frio, sede e fome e peço, por isso, que me soccorram. Na sua presença não tem dois malfeteiros, dois homens d'intenções criminosas, dois inimigos mas sim dois homens de bem, briosos e respeitadores dos direitos das pessoas, como são e sempre foram os subditos da Gran-Bretanha. Senhores — concluiu com custo o tenente — nós somos dois verdadeiros amigos dos portuguezes e seria faltar a um grave dever se assim não fossemos. A Inglaterra, o grande paiz dos celtas, é hoje a alliada mais fiel e mais sincera de Portugal. Em nome pois d'essa alliança e d'essa amizade, peço-lhes que me soccorram a mim e á minha ordenança.

Acabando de pronunciar estas palavras, o tenente poz-se de pé. A sua phisionomia tinha a pallidez de um cadaver. Os olhos profundamente encovados nas orbitas, brilhavam-lhe com desusado fulgor e o official tremia convulsivamente no meio do acanhado aposento.

As suas palavras, posto que debilmente pronunciadas e mal proferidas em hespanhol, tiveram todavia o dom de acalmar a familia apavorada.

Fechando a porta, o dono da casa veio ajudar cabo Thomson a conduzir o tenente aos aposentos do primeiro andar.

Ahi sobre uma *marquise* em vinhatico, foi deitado o ferido e ahi lhe prodigalisaram todos os cuidados de que elle carecia.

Cabo Thomson, envolto no seu capote francez, o capote de que elle havia despojado a desgraçada sentinella abandonada e morta na estrada áquella hora, lançou um minucioso olhar em torno do aposento.

Era uma casa espaçosa, ampla, bem mobilada.

Quadros e espelhos nas paredes, cadeiras estofadas em volta de uma bonita meza redonda, armarios de portas envidraçadas pareciam dar a conhecer que os proprietarios eram gente de fortuna.

Sobre um pequeno tamborete ardia n'uma candeia de prata, a torcida de algodão que espirrava a espaços e que uma rapariga de vinte annos approximadamente, espevitava com uma graciosidade de meneios verdadeiramente encantadores.

A luz que brilhava ahi batia em cheio no rosto da donzella, que parecia ainda bastante receosa do que via.

Cabo Thomson olhou para ella muito superficialmente, mas ponde, todavia, n'esse leve exame concluir que era uma menina linda como os amôres.

A fronte magra, mas cheia de expressão, tinha todos os attractivos que uma rapariga pode possuir aos vinte annos. Os olhos negros, brilhantes, denotando uma alma impressionavel, um coração sensível, tinham esse movimento rapido e constante que tão eloquentemente exprimem um temperamento nervoso. As somrancelhas unidas e formando duas arcadas, tornavam-se-lhe dignas de reparo já pelo avelludado, já pelo carregado do preto, e faziam, porventura, dispostas de tão symetrica maneira, sobresahir o brilho admiravel dos olhos.

A testa era ampla, bem contornada e um pouco escondida pelos bandós d'abundante cabello que lhe vinham cahir sobre as orelhas de que se via apenas a extremidade e os brincoes d'ouro de grandes dimensões, moda d'aquella época. A sua bôca ligeiramente córada como uma roza, tinha nos labios duas pequenas rugas que vinham terminar no canto do nariz aquilino, grande, quasi grego, que tanta suavidade, doçura e graça dava áquella cabeça realmente bella.

Vestia um vestido de seda preta, brandamente apertado na cintura por um cinto de couro e tinha nos pulsos bem torneados e um pouco grossos em proporção da sua magreza, duas pulseiras d'ouro com pedrarias.

O seu andar era de uma extrema elegancia e algum tanto nervoso, incerto por vezes, revelando uma sensibilidade de temperamento deveras notavel.

Cabo Thomson, a um canto do aposento, perto do superior, que dormitava, olhava fugitivamente para a donzella, sentindo em si o que quer que fosse de vergonha por se encontrar n'aquelle estado andrajoso. Desejava, n'aquelle momento, vêr-se fardado com o seu grande uniforme, as suas calças brancas, a sua camisola ás listas azues, o seu collarinho debruado, o chapéu preto, oleado, brilhante, para assim poder servir de gratidão e reconhecimento áquella encantadora menina. Cabo Thomson, fechando o capote da sentinella franceza, recolhia-se cada vez mais para o canto, afim de evitar a claridade produzida pela luz da candeia, que a donzella espevitava.

O dono da casa havia-se no entretanto dirigido á filha e explicava á menina assustada, quem eram aquelles homens. Dizia-lhe que entendia ser do seu dever prestar-lhe auxilio, porque sendo elles inglezes eram verdadeiros amigos de Portugal e pedialhe para que mandasse aos creados preparar um leito para o official e uma enxerga no sotão da casa para o marinheiro.

D'ahi a alguns instantes, o tenente inglez repousava n'um bello leito de madeira, a cabeça envolvida n'um lenço de linho, n'um quarto onde havia todo o conforto e bem estar e cabo Thomson na enxerga do sotão, deitado de ventre para o ar, os braços cruzados sobre o peito e uma perna erguida, como cos-

tumava fazer a bordo nas horas de descanço, pensava sobre os acontecimentos d'aquelles dias.

O marinheiro reunia na memoria todas as impressões do passado de dois dias. Lembra-se do momento em que se atirou do mastro grande da fragata ingleza ao mar. Sentia a agua abrir-se, mergulhar, desaparecer num instante e depois voltar á superficie já muito affastado dos navios da esquadra. Via-se lutando heroicamente com as ondas, bracejando com inaudita bravura, cuspido a agua que lhe entrava pela bôca e pelo nariz. Via-se arrastado pela corrente do abysmo, redomoinhando a espaços, na furia d'alguma vaga mais elevada e sentia sobre a cabeça, que conseguia, com grande esforço, trazer fora das aguas, a chuva cahir-lhe em aguaceiros glaciaes. Olhava para o ceo e em volta de si, e experimentava uma sensação verdadeiramente pavorosa. A escuridão era profunda, no firmamento o anjo da procella estendia as azas negras e agitava-as n'uma ameaça medonha. Cabo Thomson, em lucta desesperada com as vagas, desorientava-se, perdia-se, não sabendo para onde nadar, que rumo tomar onde dirigir-se. Por vezes o vento, soprando sempre rijo, trazia-lhe aos ouvidos as ondulações sonoras das sinetas dos navios.

Este som longinquo, compassado, quasi indistincto, horrorisava-o. Parecia-lhe, n'essas occasiões, que ia morrer e que as sinetas dobravam pelo seu eterno desaparecimento. Cabo Thomson rogava então uma praga e reunia todos os esforços, empregava todas as suas forças para não se deixar vencer pelo elemento revoltado das aguas.

Sentia, porém um grande frio, os membros tiritavam-lhe e a cabeça andava-lhe á roda, como no começo de uma vertigem no mesmo tempo que o corpo parecia-lhe tornar-se pesado, querer abysmar-se inteiramente.

O marinheiro inglez sentira, porém, subitamente enterrarem-se-lhe os pés em areia e conheceu que estava emfim salvo.

Caminhou então rapidamente sobre a praia. Rompendo a escuridão, cabo Thomson via elevar-se da beira mar um vulto negro, alto, uma como que muralha, cujos angulos desciam apumados a encontrar-se com as aguas. Sobre o alto d'este muro, o marinheiro viu as peças negras de uma bateria.

Estava sem duvida junto d'alguma fortaleza.

Occultou-se então por detraz de um pequeno rochedo para esperar o nascer do dia.

Que agradável impressão elle tinha experimentado ao sentir-se deitado sobre a areia encharcada, affastado alguns passos d'aquelle abysmo immenso que o quizera devorar.

Aquella extranha sensação, aquella quasi que indiscriptivel alegria que o tomára n'esse momento não a poderia cabo Thomson jamais esquecer. Pareceu-lhe que resuscitava, que sahia de um tumulto onde havia permanecido um seculo e que voltava para o mundo cheio de esperanças, com novas forças, com um novo sentir.

Ainda ao passar-lhe pela memoria a recordação d'esta commoção profunda, cabo Thomson estremeceu com tanta violencia que fazia ranger as taboas do pavimento do sotão.

Depois lembrou-se do encontro com o tenente Hopwod, quasi ao romper da manhã, com aquelle official revoltado, seu companheiro d'armas, que não encontrára justiça e generosidade na Gran-Bretanha, que desertava, que fugia, por não lhe premiarem devidamente os seus actos d'heroismo e os seus sobre-humanos esforços para engradecimento da patria. Lembrou-se de tudo isso, de todos esses acontecimentos, das palavras que o tenente lhe dissera e do voto que cabo Thomson lhe tinha feito de o acompanhar e de o seguir para toda a parte e dar até a propria vida se necessario fosse, para o salvar de qualquer perigo.

(Continúa).

CAMISARIA UCEDA & SILVA

Sempre novidades

102, Rua de S. Nicolau, 104



Entre as épocas memoraveis da historia de Portugal, poucas haverá que possam comparar se com os annos que decorreram desde o fim do seculo xiv até ao decair do seguinte.

Abre este periodo a batalha de Aljubarrota; fecha o com chave de ouro o descobrimento do caminho para as Indias. Iniciou o a rija espada do mestre de Aviz; pôe lhe termo a realisação do grandioso sonho de D. Henrique. N'estas dezenas de annos transformara se o mundo.

Na egreja levantam-se papas e anti papas; a christandade hesita, sem saber a qual deva prestar obediencia; chega a haver ao mesmo tempo tres pontifices, cada um excommungando o outro; é o grande schisma do occidente; o concilio de Constança não consegue socegar os animos; o da Basilica tem igual sorte. No seio da egreja e fóra d'ella apresentam se tentativas de reformas que todas se mallogram. A pragmatica sanção é decretada para logo ser abolida. Os soberanos e as nações ora se inclinam para Roma, ora d'ella se afastam, conforme lhes vae a seus interesses particulares. Despontam ao longe, como tímidos clarões de afastado incendio, os primeiros vislumbres de livre exame, e das grandes heresias protestantes.

Nasceu n'este seculo S. Ignacio e Luthero que tinham de encher o seguinte com o rumor de uma lucta que em nossos dias está tão viva como n'aquelles.

(A escola de Sogres e as tradições do Infante D. Henrique).

MARQUEZ DE SOUSA HOLSTEIN.

A VIDA

O homem chora mal nasce
Adulto chora tambem;
Curvado já sobre a campa,
Mais dôr no peito inda tem.

Aos vinte chora porque ama,
Aos trinta vêr se illudido;
E quando desce ao sepulchro,
Até por ter existido.

D. JOÃO DE AZEVEDO.

Para escrever a direito
Quanto te admiro, morena,
Não bastam papel e penna,
E' preciso outro preceito.

Assim eu podesse, louca,
E escrevera livros sabios
Com a penna dos meus labios
No papel de tua bocca.

Vertido do hespanhol por Fernandes Costa.

J. M. BARTRINA.

A. D'ABREU JOALHEIRO
SEMPRE NOVIDADE
Rua do Ouro, n^{os} 57, 59 * LISBOA *

ENCADERNAÇÕES em todos os generos
Carlos Rodrigues Azevedo
27, C. do Sacramento, 29
(AO CARMO)



LIVRARIA FERIN

Officinas de encadernação e typographia

INSTRUMENTOS DE ENGENHEIRO

Papeis de desenho, tintas e accessorios

Deposito permanente de livros *SPORT*,
esgrima, gymnastica,
automobilismo, motociclismo, etc.

Assignam-se todos os jornaes de *SPORT*
em qualquer lingua

LIVRARIA FERIN

Rua Nova do Almada, 74

LISBOA

Manoel Moreira



Grande e variado sortimento
de artigos para photographias
para profissionaes e amadores

Artigos de superior qualidade

Execução rapida de qualquer encomenda

PREÇOS MODICOS

VENDAS A DINHEIRO

6, R. da Prata, 6

LISBOA

Charles Hill

DENTISTA

Especialidade: DENTES ARTIFICIAES

Rua Ivens, 57, 2.º



BICYCLETAS

LA GAULOISE, VICTORIA, THE FOWLER,
J CONTE E THE IMPERIAL WEARWELL

ACCESSORIOS E CONCERTOS POR PREÇOS SEM COMPETENCIA
CATALOGO ILLUSTRADO REMETTE-SE GRATIS
A QUEM O REQUISITAR

CASA VICTORIA - ARMANDO CRESPO & C.

112, R. DO CRUCIFIXO, 114

LISBOA



CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva — Cirurgião-dentista

Pela escola de Paris — Doenças de bocca e dentes

RUA DE SANTA JUSTA 60, 1.º

Antes de partir em viagem pedir informações
de preços e do itinerario na

Agencia Lubin

Representante: A. VINCENT

L. de Camões, 19, 1.º - Lisboa

Os melhores productos photographicos da actualidade

Chapas AGFA Extra-rapidas
Chromo Diapositivas

Reveladores AGFA em substancia,
tubos e solução

Pelliculas rígidas AGFA Ordinarias
e Chromo

Especialidades AGFA Sal viro fixador, Re-
forçador, Reductor,
Luz Relampago, etc.

Chapas e Pelliculas — ISOLAR (antihalo)

A' venda em todos estabelecimentos de artigos photographicos

Pentes, ganchos e travessas

em verdadeira tartaruga

Sempre as ultimas

novidades n'este artigo

Monstruoso sortimento

EM

PENTES E ESCOVAS

de todas as qualidades e para todos os usos



CASA SENNA — 38, Rua Nova do Almada, 38

Telephone 1231



Ideal sportivo